

## POR UM MUNDO MAIS FRATERNAL

Bárbara P. Bucker<sup>1</sup>

O Projeto de ser irmã e irmão de todos, que chamamos 'fraternidade' não é uma invenção para *protocolos de aparências*. Procede de um "sonho maior" da Transcendência, que de alguma maneira vamos conhecendo e crescendo na compreensão quando fazemos espaço para observar que, um mundo sem excluídos e exclusões, seria mais humano, e mais parecido com o desejo do Criador, trazendo maiores oportunidades de felicidade para todos, diminuindo em uns essa espécie de instinto ganancioso que direciona a existência para uma egolatria de inúmeros consumismos desenfreados, como substituto do insaciável desejo de ser feliz.

Neste tempo, muito temos escutado sobre pandemia como fenômeno destrutivo gerando inseguranças, medos, tristezas sem conta, que surgem como consequência de inúmeras *incertezas futuras*. Ouvimos falar em número de mortos e de contaminados pelo Covid, de incêndios nas matas, que reduz a cinzas muitas vidas e, também, a garantia de sobrevivência de incontáveis seres.

Diante disso, somos desafiadas/os a considerar que, o que realmente importa é a vida de cada ser vivente: seja ela a vida humana, a dos animais, ou dos biomas para o equilíbrio e garantia de vida futura digna para todos, porque somente assim será possível saborear quão agradável é a felicidade que traz o conviver em um mundo consolidado na fraternidade, onde a felicidade de uns não fere a situação concreta dos demais em seus mesmos direitos de ser feliz, mantendo a esperança das buscas de todos, evitando provocar infelicidades da que a história bíblica de Caim e Abel nos remete.

Para o pensador francês Edgar Morin, a vida, no contexto atual, é como um rio de incertezas com pequenas ilhas de certezas. Então, é quando se deve buscar um *porto de segurança* e perguntar-se para um agir dando a própria porção de contribuição: quais são as certezas que nos sustentam neste tempo? É possível um mundo mais de

---

<sup>1</sup> **Doutora em Teologia Sistemática pela PUC-Rio, mestra no Institutum Theologiae Vitae Religiosae Claretianum pela Pontificia Universitas Lateranensis e professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio.**

irmãos e irmãs? O que identificamos do movimento e ação já plantados, que está germinando em vidas transformadas para a consolidação de um *novo normal* de um *mundo mais fraterno*? Paulo Freire nos recorda que “*é impossível existir sem sonhos*” (Freire, 2001: 35) e, Dom Hélder Câmara, de grata memória, dirigindo-se aos jovens já dizia: “*Bem-Aventurados os jovens porque sonham e correm o risco de verem seus sonhos realizados*”.

O papa Bento XVI, no começo de sua Encíclica “*Deus caristas est*”, nos permite aproximar de uma resposta de maneira especial, quando através da figura de João Evangelista, postula o amor como permanência.

Apreciamos o amor como continuidade, como estratégia que enfrenta o fragmentado e frágil das oscilações da existência humana, superando o incerto e oferecendo solidez ao solo onde caminham nossos ‘sonhos’ de felicidade sempre em construção.

O momento histórico em que foi escrita a Encíclica, nos faz pensar em um início de século carregado de dificuldades sociais, ausência de sentido da vida, predomínio de ódios, violências e discriminações que herdamos e que nos desafia em nossos dias.

Não podemos deixar cair no esquecimento o gesto do papa São João Paulo II, no Muro das Lamentações, pedindo perdão ao povo judeu, que testifica e reitera o perene enunciado do amor como superação de condutas desumanizadoras, produto do acionar falsos deuses, que valorizam o próprio e rejeitam o ‘outro’, não só porque não lhe pertence, mas porque estão colocados em posição de hierarquia considerados pior.

Com o Papa Francisco, somos surpreendidas/os a cada momento com gestos que falam mais que as palavras de exortação, descortinando horizontes de genuíno sabor da pureza da fé em comunhão com todos, neste peregrinar de aproximação como irmão/irmã na superação das distâncias e indiferenças que possam existir de uns com os outros, identificando ele como pastor, o *cheiro das ovelhas* na construção de um ‘nós’ com a base de que todos somos filhos do mesmo Pai Maternal.

Em sua recente Encíclica *Fratelli Tutti* encontramos todo um roteiro de inspiração para uma caminhada de compromisso por um

mundo mais fraterno, considerando que o ser humano vai se fazendo mais humano, e se desenvolvendo na capacidade de percepção do outro, como realidade de coexistência e abertura para a plenitude do “sincero dom de si mesmo” (GS, 34), e também porque não se chega a conhecer a verdade de si mesmo, se não for por meio do encontro com os outros em possibilidade de comunicação considerada por Gabriel Marcel como uma realidade pessoal: “Só me comunico realmente comigo mesmo, à medida que me comunico com o outro” (cf. FT, 87).

A *vocação* de nos realizarmos desde a dimensão fraterna, é convite e chamado a encarnar uma proposta de vida, que aguarda uma resposta concreta de nossa parte. Não é uma obrigação que vem de fora, mas um imperativo de qualidade de vida humana que só se realiza se existe aceitação se a abraça comprometidamente. Estamos todos convocados a facilitar a energia do amor para que se realize o sonho de um mundo melhor e mais fraterno nesta história, e nas circunstâncias concretas da vida de cada um de nós.

Este sonho é poder ver concretizado o axioma: *vejam como eles se amam* que chamamos Reino, ou percurso de compreensão neste aprendizado do seguimento da pessoa histórica de Jesus e de sua proposta de uma vida que se veja refletida nos Evangelhos, como resposta humana que procura amar reconhecendo o que de fato somos: filhas/os e irmãos/ãs amados incondicionalmente.

Somos convidadas/os todos a abraçar nossa própria realidade histórica com suas circunstâncias e colaborar na transformação de um mundo mais fraterno, desde a transformação de nosso coração e de nosso viver, corrigindo os preconceitos discriminadores como forma de convivência harmoniosa portadora de esperança e capaz de *esperançar*.

Necessitamos aprender a olhar contemplativamente, olhar nossa história humana pessoal e social com os olhos da alma dando permissão ao Espírito de Deus, que nos informe sobre o nosso próprio olhar. Realidade que nos implica profundamente, porque somos parte dela com todos os vínculos e tudo aquilo que nos ocorre, ou as que se provoca sem consciência, e que com o tempo se reconhece aceitando

que nos constitui. Precisamos despertar para o que é verdadeiramente a vida.

Para despertar e abraçar a realidade que somos e na que estamos imersos, urge aceitar que somos humanos. Despertar e plenificar nossa humanidade para amar em gratuidade, e desde aí revitalizar a história como irmãos/ãs em uma encarnação da compreensão, da compaixão e do serviço humilde e alegre no fraterno exercício da inclusão como maneira de amar.

Articular a vida neste serviço de fazer valer o fraterno leva-nos a perceber de maneira nova e mais profunda o seu valor, não como cumprimento de normas, regras, preceitos. Mas, de fazer valer o mais genuinamente humano de se reconhecer uns aos outros como irmãos, transitando desde o interior toda a realidade para não camuflar o real deste belo processo. E, é nesta itinerância que se realiza a abertura ao convite de transitar nosso próprio interior, trabalhando nossa interioridade, deixando-nos impactar pela ternura com que Jesus cuida de nossas vidas levando-nos a recorrer na realidade exterior a maneira transformadora do existir.

Fazer caminho com Jesus, para o nosso interior e para os outros fora de nós, com tudo o que somos e desde tudo o que nos dispomos chegar a ser na entrega de nós para a construção de um mundo mais fraterno, constitui com certeza um processo de deixar-nos converter e curar. Missão de nossa humanidade que não é tanto *fazer* como viver, transparecendo a alegria de cada encontro entre nós como humanos e com o Senhor da História, evidenciando o espírito de vinculação que nos habita, humaniza e reintegra na alegria da filiação e fraternidade, na itinerância que incorpora a alegria de nos termos encontrado com nós mesmos abrindo nossas vidas aos demais como novas criaturas humanizadas.

Este caminho nos leva a superar as esquizofrenias com as que muitas vezes se vive, porque ao despertar e evolucionar nossa consciência se percebe que a realidade só se transforma, desde a transformação e a unidade de nosso ser. Nessa itinerância com Jesus, somos conduzidas/os a descobrir-nos, a ser cada vez mais conscientes de nós mesmos, a adentrar e advertir, sentir e apreciar as novas liberdades de vida e de entrega, que nos oferece um caminho

de humanização ao estilo de Jesus. Necessitamos fazer este caminho e assim viver uma sólida interioridade para uma presença fecunda na realidade.

Quando uma vida encontra Jesus, esse encontro se institui na solidez da fidelidade. Podemos ser fiéis à medida que permanecemos “*encontrada*”. Por isso, poder afirmar que a fidelidade nessa profundidade de vida se consolida quando conseguimos expressar-nos e expressar quem é Jesus para nós, permanecendo em comunhão com Ele, conosco mesmas/os, com os demais e com o cosmos, porque de alguma maneira iremos comprovar que sua proposta nos liberta e plenifica, porque nos convoca a ser parte de um movimento de vida por meio da adesão à sua Palavra, que nos vai libertando de toda escravidão e de toda dominação. A vida alcança solidez desde o encontro com Jesus neste caminhar juntos que nos cura e nos faz livres em um processo que culmina em um *estado* que só o amor importa e só é importante conhecer a alegria de amar.

Ao nos manter no *eixo* de nós mesmas/os, os vínculos de cultivo vão se mantendo sadios e parte constitutiva de um movimento de vida. Esse movimento se faz presente na história que constitui o que cada um vai viver, por meio de vínculos abertos às diferentes realidades nas que se constata acolhida, compaixão e comunhão como injeção de mais vida para o mundo. Bem diferente dos maus tratos, sectarismos, fanatismos, dureza, fechamento etc. que ocorre provocando sofrimento e dor. É precisamente, nas diferentes realidades que se apresentam como novos desafios que deverão ser afrontados que a reativação do amor se faz necessária com o amor que cada pessoa é capaz, mas que sempre será amor.

Nesta relação é que se desperta e se toma consciência do mandamento do amor, que pede amar aos inimigos, não julgar, e que nos convida a perdoar, para compreender que toda lei é para segurança e garantia da qualidade de vida e não para sufocá-la. Daí que se faz necessário descobrir sempre mais quem é Jesus para nós, e qual é o lugar que ocupa em nossa vida, conseguindo dar uma resposta vivencial e existencial aos seus movimentos em nós. Estamos convidadas/os a conhecer existencialmente a Jesus e a entrar na dinâmica de seu amor serviço como meta de seu

ensinamento, e com esse amor abraçar a própria realidade pessoal e a realidade histórica de cada existir.

Implicar nossa própria vida na construção e consolidação de um mundo mais fraterno é dilatar na humanidade a capacidade de nos reconhecermos parte de uma mesma família dos filhos e filhas amados do Pai Celestial. No aprendizado com Jesus somos solicitadas/os a reforçar nossa liderança para o *cuidado* dos demais, porque todos somos irmãos. Nenhum ser humano é superior a outro ser humano, nem está acima, seja qual for a sua posição, porque o seguimento de Jesus nos ajuda a distinguir poder de serviço. Exortamos a diferenciar poder de autoridade. Jesus se despoja dos poderes deste mundo, porque tem autoridade *“ensina com autoridade, e não como os escribas”* (Mc 1,21-28). Sua autoridade é caminho para o serviço e promoção da vida. Por isso, a autoridade de Jesus não tem nada que ver com o poder que domina e que se impõe.

É urgente olhar em profundidade a Jesus para descobrir o significado de sua autoridade, porque o seu *“centro”* está no serviço aos outros. Veio para servir. *“Não vim a ser servido, mas a servir”* (Mt 20, 28). Jesus, não é ególatra, não é narcisista, tem autoridade porque ativa a energia de sua autoria e da autonomia dos demais, sua autoridade desperta o melhor que existe em cada pessoa. Não cria dependência nem bloqueia no *outro a capacidade de dar a direção a sua própria existência*, porque o uso do poder que alimenta a dependência e a submissão, em concreto acaba por alimentar a violência que evidencia a não vivência do Evangelho e o não seguimento de Jesus.

A certeza que nos sustenta diante do vazio que gerou a pandemia, é o amor. Esta é a continuidade do amor de Deus que nos permite ver claramente em sua unicidade de onde viemos, para onde vamos e diante de quem estamos. O amor de Deus, é permanência e sem dúvida alguma, é a contrapartida daquilo que provoca disrupção e que tem capacidade para romper ou alterar, romper o único que nos permite superar os sinais de morte neste tempo de pandemia. Existe um grito incessante em favor da recriação da fraternidade na escuta do clamor do povo diante do imenso vazio do coração humano.

No número 103 da Encíclica “Fratelli Tutti” encontramos a afirmação de que

“a fraternidade não é resultado apenas de condições nas quais se respeitem as liberdades individuais, tampouco da prática de certa equidade. Embora estas sejam condições que a tornam possível, não bastam para que surja como resultado necessário, a *fraternidade*. Ela tem algo de positivo a oferecer à liberdade e à igualdade. O que acontece quando não há a fraternidade conscientemente cultivada, quando não há uma vontade política de fraternidade, traduzida em uma educação para a fraternidade, o diálogo, a descoberta da reciprocidade e o enriquecimento mútuo como valores? Sucede que a liberdade se restringe, predominando, assim, uma condição de solidão, de pura autonomia para pertencer a alguém ou alguma coisa, ou apenas para possuir e desfrutar.”

Mesmo que isso não esgote, nem anule de maneira alguma, a riqueza da liberdade, dom genuíno do Criador à sua criatura, que se orienta para o amor.

Quão verdade é que o individualismo radical é o vírus mais difícil de vencer, que ilude e faz crer que tudo se reduz a deixar a rédea solta às próprias ambições, como se fosse possível, acumulando ambições e seguranças individuais, se chegasse a construir o bem comum (cf. FT, 105).

Por isso, pedir a Deus que ‘prepare os nossos corações para o encontro com os irmãos, independentemente das diferenças de ideias, língua, cultura, religião; e unja nosso ser com o óleo da sua misericórdia, que cura as feridas dos erros históricos, das incompreensões e controvérsias’ (cf. FT, 254), para que a graça nos robusteça no sincero desejo de empenhar a vida nos caminhos fecundos de um mundo mais fraterno.

#### Bibliografia

FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos Sonhos Possíveis*: Editora UNESP, São Paulo, 2001.

Papa Bento XVI, CARTA ENCÍCLICA DEUS CARITAS EST, 25 de Dezembro 2005. [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_benxvi\\_enc\\_20051225\\_deus-caritas-est.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_benxvi_enc_20051225_deus-caritas-est.html).

Papa Francisco, CARTA ENCÍCLICA FRATELLI TUTTI, sobre a amizade e a fraternidade social, 03 de outubro de 2020. [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.html)